

LIANE MORIARTY

Autora dos livros que deram origem às séries
BIG LITTLE LIES e *NOVE DESCONHECIDOS*

SEGREDOS DE FAMÍLIA



**LIANE
MORIARTY**

**SEGREDOS
DE FAMÍLIA**

Tradução de Cássia Zanon, Luciana Dias
e Maria Carmelita Dias



Copyright © 2021 by Liane Moriarty

TÍTULO ORIGINAL
Apples Never Fall

PREPARAÇÃO
Agatha Machado
Angélica Andrade

REVISÃO
Cristiane Pacanowski | Pipa Conteúdos Editoriais
Iuri Pavan

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

DESIGN DE CAPA
Lisa Amoroso

FOTOS DE CAPA
© Studio Light & Shade / Alamy Stock Photo (maçãs); Augustas Cetkauskas / Eyem / Getty Images (rede); Jose A. Bernat Bacete / Getty Images (céu)

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Láisa Andrade

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M849s

Moriarty, Liane, 1966-
Segredos de família / Liane Moriarty ; tradução Cássia Zanon, Luciana Dias, Maria Carme-
lita Dias. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2022.
; 23 cm.

Tradução de: Apples never fall
ISBN 978-65-5560-410-8

1. Romance australiano. I. Zanon, Cássia. II. Dias, Luciana. III. Dias, Maria Carmelita. IV.
Título.

22-77701

CDD: 828.99343
CDU: 82-31(94)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2022]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRINSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

PRÓLOGO

A bicicleta estava caída no acostamento, sob um carvalho cinza, com o guidão em um ângulo esquisito, projetado para a frente, como se ela tivesse sido jogada com um impulso de raiva.

Era sábado de manhã bem cedo, o quinto dia de uma onda de calor. Mais de quarenta incêndios florestais persistiam por todo o estado. Seis cidades do interior tinham recebido avisos de “evacuação imediata”, mas, nos subúrbios de Sydney, o único perigo era para os asmáticos, que foram aconselhados a ficar em ambientes fechados. A fumaça que cobria a cidade era de um amarelo-acinzentado nocivo, espessa feito um nevoeiro londrino.

A não ser pelo barulho das cigarras, as ruas vazias estavam silenciosas. As pessoas descansavam depois de noites quentes e maldormidas, com sonhos agitados, enquanto os madrugadores bocejavam e rolavam as telas de seus celulares.

A bicicleta abandonada era nova em folha, anunciada como uma “bicicleta vintage para mulheres”: verde-menta, sete marchas, selim de

couro curtido e uma cesta de vime branca. O tipo de bicicleta na qual se imagina alguém andando no ar fresco e puro de um vilarejo nas montanhas da Europa, usando uma boina macia em vez de um capacete e com uma baguete enfiada embaixo do braço.

Quatro maçãs verdes estavam espalhadas na grama seca sob a árvore, como se tivessem caído e rolado da cesta da bicicleta.

Uma família de moscas varejeiras repousava em diferentes pontos do aro prateado das rodas da bicicleta, todas tão imóveis que pareciam mortas.

O carro, um Holden Commodore V8, vibrava com as batidas do rock dos anos 1980 enquanto se aproximava do cruzamento em uma velocidade inadequada para a região residencial.

As luzes de freio se acenderam, e o carro deu marcha a ré, os pneus cantando, até estacionar ao lado da bicicleta. A música parou. O motorista saiu do carro fumando um cigarro. Ele era magro, estava descalço e sem camisa, não usava nada além de um short azul de futebol. Deixou sua porta aberta e andou na ponta dos pés, com a graça típica de um bailarino, atravessando o asfalto já quente para chegar ao gramado, onde se agachou a fim de examinar a bicicleta. Afagou o pneu furado da frente como se fosse um membro de um animal machucado. As moscas zumbiram, subitamente vivas e preocupadas.

O homem olhou de um lado para o outro da rua vazia, deu uma tragada no cigarro com os olhos cerrados, deu de ombros. Depois, pegou a bicicleta com uma das mãos e ficou de pé. Andou até o carro e a colocou no porta-malas como se a tivesse comprado, desprendendo com habilidade a roda da frente para caber.

Entrou de novo no carro, bateu a porta e saiu dirigindo, acompanhando as batidas de “Highway to Hell”, do AC/DC, no volante, satisfeito consigo mesmo. Na véspera, tinha sido Dia dos Namorados, aparentemente, e ele não acreditava naquela merda capitalista, mas ia dar a bicicleta para sua esposa e desejar um “Feliz Dia dos Namorados atrasado, amor”, com uma piscadinha irônica. A atitude iria compensar pelo dia anterior, e ele teria chance de se dar bem à noite.

O homem não se deu bem. Ele se deu muito mal. Vinte minutos depois, estava morto: morreu instantaneamente em uma colisão frontal. O motorista de um semirreboque não viu uma placa de “Pare”, oculta por um liquidâmbar que havia crescido demais. Os moradores da região reclamavam havia meses daquela placa. Era um acidente anunciado, diziam eles, e agora tinha acontecido.

As maçãs estragaram rápido no calor.

UM

Dois homens e duas mulheres estavam sentados no canto mais afastado de um café, embaixo de uma foto emoldurada de girassóis no alvorecer da Toscana. Eles eram altos como jogadores de basquete e estavam inclinados para a frente, por cima da mesa redonda com decoração de mosaico, as testas quase se tocando. Falavam em voz baixa, intensa, como se a conversa envolvesse espionagem internacional, o que não combinava com aquela agradável manhã de um sábado de verão no pequeno café de subúrbio, com pão de banana e pera recém-assado perfumando o ar e o rock suave que saía dos alto-falantes, acompanhado pelos assobios e pelo barulho da máquina industrial de café *espresso*.

— Acho que são irmãos — disse a garçonete para o chefe. Ela era filha única e sempre se intrigava com irmãos. — Eles são muito parecidos.

— Estão demorando muito para pedir — reclamou o chefe, que era um de oito irmãos nada intrigantes.

Depois da violenta tempestade de granizo da semana anterior, caiu uma chuva abençoada por quase uma semana. Agora os incêndios estavam controlados, a fumaça havia se dissipado, assim como o receio das pessoas, e os clientes finalmente estavam fora de casa, prontos para gastar dinheiro. Precisavam vagar as mesas rápido.

— Eles disseram que ainda não conseguiram olhar o cardápio.

— Pergunte de novo.

A garçonete se aproximou da mesa mais uma vez, reparando em como cada um deles estava sentado da mesma maneira peculiar, com os tornozelos enganchados em volta das pernas da frente da cadeira, como se para se impedir de escorregar.

— Com licença?

Eles não escutaram. Estavam todos falando ao mesmo tempo, as vozes se sobrepondo. Com certeza eram parentes. Até as vozes eram parecidas: baixas, graves, roucas. Pessoas com gargantas arranhadas e segredos.

— Tecnicamente, ela não está desaparecida. Ela mandou aquela mensagem.

— Eu só não acredito que ela não está atendendo o telefone. Ela sempre atende.

— O papai comentou que a bicicleta nova dela sumiu.

— O quê? Isso é bizarro!

— Então... ela simplesmente saiu pedalando pela rua em direção ao pôr do sol?

— E não levou o capacete. O que eu acho muito estranho.

— Acho que está na hora de comunicarmos o desaparecimento.

— Já tem mais de uma semana. Passou muito tempo.

— Como eu disse, ela tecnicamente não está...

— Ela está a exata definição de desaparecida, porque *nós não sabemos onde ela está*.

A garçonete levantou a voz para um nível perigosamente próximo de grosseiro.

— Vocês já estão prontos para pedir?

Eles não escutaram.

— Alguém já foi até a casa deles?

— O papai me pediu para, por favor, não ir lá. Ele disse que está “muito ocupado”.

— Muito *ocupado*? Ele está tão ocupado fazendo o quê?

A garçonne arrastou os pés até se aproximar mais deles, colocando-se entre as cadeiras e a parede, para que pudessem vê-la.

— Sabem o que pode acontecer se comunicarmos o desaparecimento dela? — sugeriu o mais bonito dos dois homens. Ele usava uma camisa de linho com as mangas longas dobradas até o cotovelo, bermuda e sapatos sem meias. Tinha trinta e poucos anos, a garçonne chutou, um cavanhaque e um charme carismático pouco sofisticado, típico de uma estrela de reality show ou um corretor de imóveis. — Eles suspeitarem do papai.

— Suspeitarem o que do papai? — perguntou o outro homem, uma versão mais barata, desarrumada e corpulenta do primeiro. Em vez de cavanhaque, ele simplesmente precisava se barbear.

— Que ele... você sabe. — O irmão versão cara colocou os dedos em volta do pescoço.

A garçonne ficou totalmente imóvel. Aquela era a melhor conversa que escutava desde que começara a trabalhar naquela função.

— Meu Deus, Troy. — O irmão versão mais barata suspirou. — Isso não é engraçado.

O outro homem deu de ombros.

— A polícia vai perguntar se eles discutiram. O papai disse que eles discutiram, *sim*.

— Mas com certeza...

— Talvez o papai tenha mesmo alguma coisa a ver com isso — interrompeu a mais nova dos quatro, que usava um vestido curto laranja estampado com margaridas brancas por cima de um biquíni. Seu cabelo havia sido tingido de azul (a garçonne cobiçava aquele tom exato) e estava preso para trás em um nó embaraçado, grudento e molhado na

altura do pescoço. Havia um leve brilho de protetor solar coberto de areia nos seus braços, como se ela tivesse acabado de sair da praia, embora eles estivessem a pelo menos quarenta e cinco minutos de carro da costa. — Talvez ele tenha surtado. Talvez ele tenha finalmente surtado.

— Parem, vocês dois — repreendeu a outra mulher, que a garçonete reconhecia agora como uma freguesa frequente: extragrande, extraquente, com espuma de leite de soja.

Seu nome era Brooke. Com “e”. Os nomes dos clientes eram escritos nas tampas dos cafés, e a mulher uma vez destacara, de maneira tímida mas firme, como se não conseguisse se conter, que deveria haver um “e” no final de seu nome.

Ela era educada, mas não falava muito, e geralmente estava um tantinho estressada, como se já soubesse que o dia não sairia tal qual o planejado. Pagava com uma nota de cinco dólares e sempre deixava uma moeda de cinquenta centavos na caixa de gorjetas. Usava a mesma roupa todos os dias: uma camisa polo azul-marinho, short e tênis com meia.

Naquele dia, ela estava vestida para o fim de semana, de saia e blusa, mas ainda parecia um membro das forças armadas em dia de folga ou uma professora de educação física que não caía em desculpas que envolviam cólicas.

— O papai nunca machucaria a mamãe — disse a mulher para a irmã. — Nunca.

— Ah, meu Deus, claro que não. Eu não estava falando sério!

A garota de cabelo azul levantou as mãos, e a garçonete reparou na pele enrugada ao redor de seus olhos e da boca. Percebeu que a mulher na realidade não era nada jovem, estava apenas vestida como se fosse. Uma pessoa de meia-idade disfarçada. A distância, você lhe daria vinte anos; de perto, pensaria talvez em quarenta. Parecia uma pegadinha.

— Mamãe e papai têm um casamento muito sólido — disse Brooke com “e”, e alguma coisa no tom ressentidamente respeitoso da sua voz fez a garçonete pensar que, apesar das roupas sérias, ela devia ser a mais nova dos quatro.

O irmão mais bonito lhe lançou um olhar zombeteiro.

— Nós crescemos na mesma casa?

— Não sei. Crescemos? Porque eu nunca vi nenhum sinal de violência... Quer dizer, *meu Deus!*

— Enfim, não sou eu que estou sugerindo. Estou dizendo que *outras* pessoas podem sugerir.

A mulher de cabelo azul olhou para cima e avistou a garçonete.

— Desculpe! Nós ainda nem vimos! — Ela pegou o cardápio plastificado.

— Tudo bem — disse a garçonete. Ela queria ouvir mais.

— Também, estamos todos um pouco distraídos. Nossa mãe sumiu.

— Ah, não! Isso é... preocupante?

A garçonete não sabia bem como reagir. Eles não pareciam tão preocupados assim. Aquelas pessoas eram, tipo, muito mais velhas do que ela. Será que a mãe deles não seria, então, bem idosa? Uma senhorinha idosa? Como uma senhorinha idosa sumiu? Demência?

Brooke com “e” estremeceu.

— Não diga isso para as pessoas — ralhou.

— Desculpe. Nossa mãe *talvez* tenha sumido — corrigiu a mulher de cabelo azul. — Perdemos nossa mãe temporariamente.

— Vocês precisam refazer seus passos. — A garçonete entrou na brincadeira. — Onde vocês viram sua mãe pela última vez?

Houve uma pausa constrangedora. Os quatro olharam para ela com olhos castanhos brilhantes idênticos, assim como as expressões sérias. Todos tinham cílios tão escuros que pareciam usar delineador.

— Sabe, você está certa. Isso é exatamente o que precisamos fazer. — A mulher de cabelo azul aquiesceu lentamente, como se estivesse levando o comentário irreverente a sério. — Refazer nossos passos.

— Vamos todos comer o crumble de maçã com creme — interrompeu o irmão versão rica. — E depois contamos a você nossas opiniões.

— Boa pedida. — O irmão versão pobre bateu na ponta do seu cardápio.

— De café da manhã? — perguntou Brooke com “e”, mas então sorriu ironicamente, como se existisse alguma piada interna relacionada a crumble de maçã. Todos eles entregaram seus cardápios com alívio, do tipo “isso está resolvido”, como as pessoas normalmente faziam, felizes por se livrarem da decisão.

A garçonete escreveu 4 x *Crum Maçã* no bloco e endireitou a pilha de cardápios.

— Escutem — prosseguiu o irmão versão pobre. — Alguém ligou para ela?

— Café? — perguntou a garçonete.

— Café puro para todos, xícara grande — disse o irmão versão cara.

A garçonete fez contato visual com Brooke com “e” para lhe dar a chance de dizer *Não, na verdade, esse não é meu café, eu sempre peço um extragrande, extraquente, com espuma de leite de soja*, mas ela estava ocupada rebatendo o irmão.

— Claro que ligamos para ela. Um milhão de vezes. Mandei mensagem. Mandei e-mail. Você não?

— Então quatro cafés puros, grandes? — tentou confirmar a garçonete.

Ninguém respondeu.

— Tudo bem, então quatro cafés puros grandes.

— Não para a mamãe. *Para ela*. — O irmão versão pobre apoiou os cotovelos na mesa e pressionou a ponta dos dedos nas têmporas. — Savannah. Alguém tentou entrar em contato com ela?

A garçonete não tinha mais desculpas para se demorar e fofocar.

Será que Savannah era outra irmã? Por que ela não estava ali naquela hora? Será que era a excluída da família? A filha pródiga? É por isso que o nome dela parecia recair entre eles de forma tão assombrosa? E alguém *tinha* ligado para ela?

A garçonete andou até o balcão, bateu na sineta com a palma da mão e despachou o pedido.

DOIS

Setembro passado

Eram quase onze horas de uma noite de terça-feira fria, com muito vento. Flores de cerejeiras rosa-claro voavam e giravam enquanto o táxi lentamente passava por casas antigas reformadas, cada uma com um sedã de luxo de porte médio na garagem e um trio organizado de latas de lixo de rodinhas de cores diferentes no meio-fio. Um gambá correu por um muro de pedra, iluminado pelos faróis do táxi. Um cachorrinho ganiu uma vez e ficou quieto. O ar tinha cheiro de madeira queimada, grama cortada e cordeiro cozido lentamente. A maioria das casas estava escura, exceto pelo pisca-pisca das câmeras de segurança.

Joy Delaney, no número nove, enchia a lava-louça enquanto escutava o último episódio do podcast *O Mago da Enxaqueca* com seus novos e elegantes fones sem fio, que o filho havia lhe dado de aniversário.

Joy era uma mulher pequena, esbelta, ativa, com cabelo branco brilhante na altura dos ombros. Ela nunca conseguia se lembrar se tinha sessenta e oito ou sessenta e nove anos, e às vezes até aventava a possibilidade de ter sessenta e sete. (Ela tinha sessenta e nove.) Naquele momento, usava jeans, um cardigã preto por cima de uma camiseta listrada e meias de lã. Aparentemente, estava “ótima para a idade”. Vendedores jovens com frequência lhe diziam isso. Toda vez, ela tinha vontade de retrucar: “Você não faz ideia da minha idade, querido idiota, então como sabe que estou ótima?”

Seu marido, Stan Delaney, estava sentado na poltrona reclinável na sala, uma bolsa de gelo em cada joelho, assistindo a um documentário sobre as maiores pontes do mundo enquanto se encarregava de terminar um pacote de biscoitos sabor pimenta, mergulhando cada um em um pote de cream cheese.

A idosa Staffordshire terrier, Steffi (em homenagem à tenista Steffi Graf, porque, quando filhote, era muito veloz), estava sentada no chão da cozinha, perto de Joy, mastigando furtivamente um pedaço de jornal. Durante o último ano, Steffi passara a mastigar obsessivamente qualquer papel que encontrasse na casa. Ao que parecia, era uma condição psicológica em cães, talvez causada por estresse, embora ninguém soubesse que motivo Steffi teria para se estressar.

Pelo menos o hábito de Steffi era mais aceitável que o de Otis, o gato de Caro, sua vizinha, que havia começado a furtar roupas das casas na rua sem saída, incluindo, para vergonha geral, roupas íntimas, que Caro ficava constrangida demais para devolver, a não ser para Joy, claro.

Joy sabia que seus fones gigantes faziam com que ela parecesse uma extraterrestre, mas não se importava. Depois de anos pedindo aos filhos por silêncio, agora ela não conseguia suportá-lo. A calmaria uivava por seu ninho vazio. Que estava vazio havia muitos anos, na verdade, o que levava a crer que ela deveria estar acostumada, mas, com a venda do negócio da família no ano anterior, parecia que tudo tinha acabado, trepidado até cessar por completo. Na sua busca por barulho, Joy se

tornara viciada em podcasts. Muitas vezes, ia para a cama ainda de fones de ouvido, para que pudesse ser embalada até dormir por uma voz firme e tagarela.

Ela mesma não sofria de enxaquecas, mas sua filha mais nova sim, então Joy escutava o podcast do Mago da Enxaqueca tanto para dicas úteis que pudesse passar para Brooke quanto como um tipo de penitência. Ao longo dos últimos anos, tinha ficado quase doente de arrependimento pela maneira impaciente e indiferente com que primeiro reagiu às dores de cabeça de infância de Brooke, como costumavam chamá-las.

“*Arrependimento*” pode ser o tema da minha autobiografia, pensou ela, enquanto tentava enfiar o ralador de queijo ao lado da frigideira na lava-louça. *Uma vida de arrependimentos*, por Joy Delaney.

Na noite anterior, ela tinha ido à primeira sessão de um curso chamado “Então Você Quer Escrever uma Autobiografia”, na faculdade local. Joy não queria escrever uma autobiografia, mas Caro, sim, então ela estava lhe fazendo companhia. Caro era viúva, tímida e não queria ir sozinha. Joy ajudaria a vizinha a fazer uma amiga (ela já tinha em vista uma pessoa adequada) e então largaria o curso. A professora havia explicado que o primeiro passo no processo de escrever uma autobiografia era escolher o tema, depois era só encontrar histórias que sustentassem tal tema. “Talvez o seu tema seja ‘Eu cresci no lado pobre da cidade, mas olhe onde estou agora’”, a professora sugeriu, e todas as senhoras em calças de alfaiataria e brincos de pérolas assentiram solenemente e escreveram *lado pobre da cidade* em seus cadernos novos em folha.

— Bem, pelo menos seu tema é óbvio — Caro disse a Joy a caminho de casa.

— É? — perguntou Joy.

— É *tênis*. Seu tema é *tênis*.

— Isso não é um tema — disse Joy. — Um tema é mais como “vingança” ou “sucesso contra as todas as probabilidades” ou...

— Você poderia chamar de *Game, set e jogo: A história de uma família do tênis*.

— Mas isso... Nós não somos *estrelas* do tênis — retrucou Joy. — Só administramos uma escola de tênis e um clube de tênis. Não somos a família Williams. — Por alguma razão, ela achou o comentário de Caro irritante. Até mesmo desagradável.

Caro pareceu espantada.

— Do que você está falando? O tênis é a paixão da sua família. As pessoas sempre falam: “Sigam a sua paixão!” E eu penso comigo mesma: “Ah, se eu tivesse uma paixão. Como a Joy tem.”

Joy mudou de assunto.

Agora ela tirava os olhos da máquina de lavar louça e se lembrava de Troy quando criança, parado bem ali naquela exata cozinha, empunhando a raquete feito uma arma, o rosto corado de raiva, seus lindos olhos castanhos cheios de culpa e lágrimas que ele não deixava sair, gritando:

— Eu odeio tênis!

— Ah, que sacrilégio! — tinha dito Amy, porque seu papel como filha mais velha era narrar cada discussão familiar e usar palavras complicadas que os outros irmãos não conheciam. Brooke, ainda pequena e adorável, irrompera em lágrimas inevitáveis, e o rosto de Logan ficara inexpressivo e bobo.

— Você não odeia tênis — Joy havia dito a ele.

Era uma ordem. Ela queria dizer: *Você não pode odiar tênis, Troy*. Queria dizer: *Eu não tenho tempo nem forças para deixar que você odeie tênis*.

Joy balançou um pouco a cabeça para espantar a memória e tentou voltar a atenção ao podcast.

— ... *linhas em zigue-zague que flutuam pelo seu campo de visão, estrelas ou pontos brilhantes. As pessoas que têm sintomas de enxaqueca com aura dizem que...*

Troy não odiava tênis de verdade. Algumas das memórias mais felizes da família eram em quadra. A maioria das memórias mais felizes. Algumas das piores eram em quadra também, mas, vai, Troy ainda jogava. Se ele realmente odiasse tênis, não continuaria jogando até depois dos trinta anos.

O tênis era o *tema* da sua vida?

Talvez Caro tivesse razão. Talvez ela e Stan nem tivessem se conhecido se não fosse pelo tênis.

Mais de meio século antes. Uma festa de aniversário em uma casa pequena, abarrotada. Cabeças balançavam no ritmo de “Popcorn”, do Hot Butter. Joy, dezoito anos, empunhava a haste grossa e verde da sua taça de vinho, que estava cheia até a borda com um Mosela quente.

— Onde está a Joy? Você devia conhecer a Joy. Ela acabou de ganhar um torneio importante.

Essas foram as palavras que abriram o apertado semicírculo de pessoas que cercava o garoto com as costas contra a parede. Ele era um gigante, bizarramente alto e com ombros largos, com uma massa de cabelo preto comprido cacheado preso em um rabo de cavalo, um cigarro em uma das mãos, uma lata de cerveja na outra. Garotos atléticos ainda podiam fumar como chaminés nos anos 1970. Ele tinha uma covinha que só apareceu quando viu Joy.

— Podíamos jogar uma partida uma hora dessas — disse ele.

Ela nunca tinha ouvido uma voz como aquela, não de um rapaz de sua própria geração. Era uma voz tão grave e lenta que as pessoas zombavam dele e tentavam imitá-lo. Diziam que Stan soava como Johnny Cash. Ele não fazia aquilo de propósito. Era só a maneira como falava. Ele não falava muito, mas tudo o que dizia soava importante.

Eles não eram os únicos tenistas naquela festa, apenas os únicos campeões. Era o destino, tão inevitável quanto um conto de fadas. Se não tivessem se conhecido naquela noite, acabariam se conhecendo em algum momento. O mundo do tênis é pequeno.

Jogaram a primeira partida juntos naquele fim de semana. Ela perdeu por dois sets de seis games a quatro, e então perdeu a virgindade para ele, embora sua mãe houvesse lhe avisado sobre a importância de não transar caso ela gostasse de algum garoto: “Por que comprar uma vaca quando se pode ter leite de graça?” (Suas filhas *berravam* quando ouviam esse ditado.)

Joy disse a Stan que só foi para a cama com ele por causa do seu saque. Era *magnífico*. Ela ainda admirava aquele saque, esperando a fração de segundo quando o tempo parava e Stan se tornava a escultura de um tenista: as costas arqueadas, a bola suspensa, a raquete atrás da cabeça, e então... *vum*.

Stan disse que só foi para a cama com Joy por causa do voleio decisivo dela, e depois disse, aquela voz lenta e grave no seu ouvido: *Não, isso não é verdade, seu voleio precisa melhorar, você chega muito perto da rede. Eu fui para a cama com você porque, assim que vi essas pernas, eu soube que queria elas em volta das minhas costas*. Joy se derreteu; ela achou aquilo incrível e poético, mesmo que não tenha gostado da crítica ao seu voleio.

— ... *isso causa a liberação de neurotransmissores...*

Ela olhou para o ralador. Estava coberto de cenoura, que a lava-louça não tinha conseguido tirar. Joy o enxaguou na pia.

— Por que estou fazendo seu trabalho para você? — resmungou para a lava-louça, então pensou nos seus dias pré-lava-louça, parada naquela pia, luvas de borracha na água quente, um arranha-céu de pratos sujos ao seu lado.

Seu passado ficava esbarrando no presente ultimamente. No dia anterior, ela havia acordado de uma soneca em pânico, pensando que tinha se esquecido de pegar um dos filhos na escola. Levou uns bons minutos até se lembrar de que todos os filhos já eram adultos — adultos com rugas e hipotecas, diplomas e planos de viagem.

Ficou pensando se estaria demente. Sua amiga Linda, que trabalhava em uma casa de repouso, disse que uma onda de agitação varria o lugar na hora da saída da escola todos os dias, quando as senhoras mais idosas ficavam alvoroçadas, convencidas de que deveriam estar correndo para buscar os filhos há muito adultos. Ouvir aquilo deixou Joy emocionada, e agora a mesmíssima coisa tinha meio que acontecido com ela.

— É possível que meu intelecto superior esteja mascarando meus sintomas de demência — Joy havia dito a Stan.

— Não posso dizer que notei — respondera ele.

— Meus sintomas de demência? Ou meu intelecto superior?

— Bem, você sempre foi demente — comentara Stan, e então saiu andando, provavelmente para subir uma escada, porque seus filhos tinham dito que setenta anos era velho demais para subir escadas, então ele gostava de encontrar desculpas para subir com o máximo de frequência possível.

Na noite anterior, Joy escutara um podcast muito informativo, chamado *Essa Vida de Demência*.

O ralador de queijo se recusava a se juntar à frigideira na lava-louça. Joy examinou os dois itens. Parecia um quebra-cabeça que ela deveria ser capaz de montar.

— ... *provoca uma mudança no tamanho dos vasos sanguíneos...* — dizia o Mago da Enxaqueca.

O quê? Ela ia precisar voltar o podcast e recomeçar.

Joy ouvira falar que a aposentadoria causava um rápido declínio da função cerebral. Talvez fosse isso o que vinha acontecendo. Seu lobo frontal estava atrofiando.

Stan e Joy acharam que estavam prontos para se aposentar. Vender a escola de tênis parecera o óbvio passo seguinte em suas vidas. Não podiam continuar dando aulas para sempre, e nenhum dos filhos estava interessado em assumir o negócio. Na verdade, eles pareciam insultantemente desinteressados. Por anos, Stan havia alimentado uma ponta de esperança de que Logan pudesse se envolver com a Delaney, aquela ideia antiquada de que o filho mais velho se tornaria seu orgulhoso sucessor.

— Logan era um ótimo professor — costumava murmurar. — Ele nasceu para isso. Realmente *nasceu* para isso.

O pobre Logan parecera totalmente perplexo quando Stan sugerira de maneira encabulada que talvez ele pudesse comprar o negócio.

— Ele não é muito *motivado*, não é? — Stan havia comentado com a esposa, e Joy o tinha repreendido, porque ela não suportava ouvir críticas aos seus filhos, principalmente quando as críticas eram verdadeiras.

Então eles venderam o negócio. Para pessoas boas e por um preço bom. Joy não tinha cogitado essa sensação de perda. Não tinha percebido como a Escola de Tênis Delaney os definia. Quem eles *eram* agora? Apenas mais uma dupla de *baby boomers*.

Que bom que ainda tinham o tênis. Seu troféu mais recente estava disposto no aparador, pesado e orgulhoso, pronto para ser exibido quando todos estivessem juntos no Dia dos Pais. Os joelhos de Stan estavam pagando pelo troféu agora, mas havia sido uma vitória muito sólida contra dois jogadores tecnicamente excelentes. Ele e Joy dominaram o jogo, atacaram pelo meio e nunca perderam a calma. Ainda eram bons naquilo.

Além dos campeonatos, ainda jogavam nas partidas sociais segundas à noite, que Joy criara anos antes, embora a competição fosse ficando deprimente nos últimos tempos, visto que as pessoas estavam morrendo. Seis meses antes, Dennis Christos morrera na quadra enquanto ele e a mulher, Debbie, jogavam contra Joy e Stan, o que tinha sido horivelmente traumático. Joy acreditava que o pobre coração de Dennis não conseguira aguentar o entusiasmo de pensar que ia rebater o saque de Stan. Lá no fundo, ela culpava Stan por fazer Dennis acreditar que isso era possível. Ele havia *deliberadamente* deixado o jogo chegar a 40-0 por puro prazer. Foi necessário muita força de vontade para não falar “Você matou Dennis Christos, Stan”.

A verdade era que ela e Stan não estavam preparados para a aposentadoria. A viagem dos sonhos de seis semanas para a Europa havia sido um desastre. Até mesmo Wimbledon. Principalmente Wimbledon. Quando o avião pousou de volta em Sydney, ambos ficaram tontos de alívio — mas não admitiram isso para ninguém, nem para os amigos ou para os filhos, nem mesmo um para o outro.

Às vezes, eles tentavam fazer coisas que seus amigos aposentados faziam, como passar “um agradável dia na praia”. Joy ficou com os pés destroçados depois de pisar na concha de uma ostra, e eles levaram uma multa de estacionamento. O episódio a fez se lembrar de quando colocava na cabeça que faria um *piquenique adorável* com Stan e as

crianças. Naqueles dias, ela tentava com muito afinco fingir que eles eram o tipo de família adorável que fazia piqueniques, mas alguma coisa inevitavelmente dava errado, sempre havia alguém de mau humor, ou eles se perdiam, ou chovia assim que chegavam e a volta para casa era silenciosa e ressentida, a não ser pelos fungados constantes de seja qual fosse a criança que sentisse ter sido injustamente repreendida.

— Nós ficamos bem *românticos* desde a aposentadoria, na verdade — uma amiga irritantemente animada havia lhe dito, o que fez Joy querer fazer uma piada. Mas, na semana seguinte, ela comprou duas vitaminas de banana na praça de alimentação, como uma lembrança divertida da época em que ela e Stan costumavam comprar vitaminas para o café da manhã em mercearias de cidadezinhas quando viajavam juntos para torneios regionais, nos primeiros anos do casamento. Eles economizavam o dinheiro do hotel dormindo no carro. Transavam no banco de trás.

Mas ficou muito nítido que Stan sequer *se lembrava* das vitaminas de banana, e então, a caminho de casa, quando alguém cortou o carro deles, o marido pisou de maneira desnecessária e dramática no freio, bem forte. A vitamina de Joy voou, e agora o carro tem um cheiro nojento e permanente de leite azedo: o cheiro azedo do fracasso. Stan disse que não sentia cheiro nenhum.

Eles precisavam de personalidades diferentes para se aposentar com elegância e entusiasmo, como seus amigos. Precisavam (Stan precisava) ser menos rabugentos e ter uma variedade mais ampla de interesses e hobbies além do tênis. Precisavam de netos.

Netos.

A palavra por si só a enchia com o tipo de emoção gigante e complicada reservada para os jovens: desejo, fúria e, pior de tudo, inveja amarga e rancorosa.

Joy sabia que um netinho era tudo de que precisava para conter o rugido do silêncio, para levar seus dias pouco a pouco de volta à vida novamente, mas não dá para pedir aos filhos por netos. Que humilhante. Que medíocre. Ela acreditava ser mais interessante e sofisticada

do que isso. Era uma feminista. Uma atleta. Uma mulher de negócios bem-sucedida. Recusava-se a ser aquele clichê.

Aconteceria. Ela só precisava ter paciência. Tinha quatro filhos. Quatro bilhetes de rifa, embora dois dos quatro fossem solteiros, então talvez esses não contassem como bilhetes ainda. Mas os outros dois estavam em relações sólidas, duradouras. Logan e sua namorada, Indira, estavam juntos havia cinco anos. Não eram casados, mas não importava. Indira era maravilhosa e, na última vez que Joy a vira, ela definitivamente estava com um olhar misterioso, secreto, quase como se quisesse contar à sogra alguma coisa, mas estivesse se segurando... talvez até atingir doze semanas?

Brooke e Grant estavam casados e felizes, com uma casa própria e um carro para a família, e Grant era mais velho, então poderia acontecer logo. Se pelo menos Brooke não tivesse aberto seu consultório de fisioterapia... Era admirável — Stan *brilhava* de orgulho a cada vez que alguém mencionava o assunto —, mas administrar o próprio negócio é estressante, e pessoas que sofrem de enxaqueca precisam manejar o estresse. Brooke também era motivada *demais*. Mas com certeza iria querer um bebê logo. Ela sempre esteve por dentro de assuntos médicos, então sabia que não se deve deixar para tarde demais.

Joy secretamente esperava que seus filhos encontrassem maneiras criativas de contar a ela sobre suas gestações, como os filhos de outras pessoas estavam sempre fazendo no YouTube. Poderiam, por exemplo, embrulhar uma foto de ultrassom e depois filmar a reação de Joy ao abri-la: perplexidade seguida de compreensão, a mão tapando a boca, lágrimas e abraços. Poderiam postar nas suas redes sociais! *Joy descobre que vai ser avó!* Podia viralizar. Ela escolhia roupas bem bonitas toda vez que seus filhos a visitavam, por via das dúvidas.

(Joy nunca compartilharia essa fantasia com ninguém. Nem mesmo com sua cadela.)

— *Vamos falar sobre magnésio* — sussurrou o Mago da Enxaqueca sedutoramente em seus ouvidos.

— Boa ideia. Vamos fazer isso — concordou Joy.

Não havia maneira de fazer a frigideira e o ralador caberem juntos na lava-louça. Nenhuma solução. O ralador teria que sair. Estava limpo mesmo. Ela endireitou o corpo e viu o marido parado bem na sua frente, como se ele tivesse se teletransportado.

— Jesus Cristo... caramba... mas quê...?! — gritou Joy.

Ela puxou os fones de ouvido para baixo, apoiando no pescoço, e colocou a mão sobre o coração aos pulos.

— Não me dê um susto desses!

— Por que tem alguém batendo na porta?

Os lábios de Stan estavam alaranjados dos biscoitos sabor pimenta. Havia círculos molhados nos joelhos do seu jeans por causa das bolsas de gelo derretidas. Só olhar para ele já era irritante, em especial porque ele a estava olhando de cima com uma expressão acusatória, como se as batidas na porta fossem culpa dela.

Steffi se sentou do lado de Stan, as orelhas em pé e alerta, os olhos brilhando com a possibilidade gloriosa de um passeio.

Os olhos de Joy foram para o relógio da parede da cozinha. Era tarde demais para entregas ou alguma pesquisa. Tarde demais para um amigo ou membro da família dar uma passada, e ninguém mais fazia isso, não sem ligar antes.

Joy avaliou o marido. Talvez fosse *ele* o demente. Pela sua pesquisa, ela sabia que devia agir com paciência e gentileza.

— Não ouvi nada — disse, paciente e gentil.

Ela seria uma excelente cuidadora, embora talvez o colocasse na lista de espera de uma boa casa de repouso em algum momento.

— Ouvi uma batida — insistiu Stan, e sua mandíbula se moveu para trás e para a frente, daquele jeito aborrecido.

Mas então Joy também ouviu: *tum, tum, tum*.

Como se alguém batesse com o punho fechado na porta da frente. A campainha estava quebrada havia anos, e as pessoas com frequência batiam sem paciência depois de desistirem dela, mas daquela vez parecia uma emergência.

Os olhos dela encontraram os de Stan e, sem falar uma palavra, ambos se encaminharam para a porta, sem correr, mas andando rápido pelo comprido corredor, rápido, rápido, rápido. Steffi trotou junto deles, ofegante de animação. As meias de Joy deslizavam pelo assoalho, e ela sentia que os três, homem, mulher e cachorra, compartilhavam uma estimulante sensação de urgência. Alguém precisava deles. Devia haver algum tipo de crise. E eles resolveriam, porque, embora não houvesse crianças morando na casa, ainda tinham aquela mentalidade: *Somos os adultos. Somos Os Que Resolvem.*

Talvez houvesse até mesmo um prazer naquela rápida caminhada até a porta, porque já fazia um tempo desde que algum dos filhos havia pedido dinheiro ou conselho, ou mesmo uma carona até o aeroporto.

Bam, bam, bam.

— Já vamos! — gritou Stan.

Fragmentos de memórias passaram pela cabeça de Joy — Troy chegando da escola aos oito ou nove anos, esmurrando a porta e berrando: “*FBI! Abram!*” Ele fez isso por bastante tempo ao chegar em casa, achava que era muito engraçado. Amy tocando a campainha freneticamente, quando ainda funcionava, porque havia perdido a chave de casa de novo e estava sempre apertada para ir ao banheiro.

Stan chegou antes de Joy. Ele fez *clac-clac* na fechadura com um eficiente giro do punho e abriu a porta.

Uma jovem aos soluços tombou para a frente, como se até então estivesse com a testa apoiada na porta, e caiu direto nos braços de Stan, como uma filha.

De fora, os Delaney parecem uma família perfeita. Os pais, Stan e Joy, ex-técnicos de tênis, seguem ganhando torneios mesmo depois de tantos anos de estrada, e a química dos dois fora de quadra é inegável. Seus quatro filhos não seguiram carreira no esporte, mas agora que são todos adultos há sempre a esperança de netos no horizonte. Para completar, após quase cinco décadas casados, Stan e Joy finalmente venderam sua famosa escola de tênis e têm todo o tempo do mundo para aprender a relaxar. Então, por que será que se sentem tão infelizes?

Certa noite, uma estranha chamada Savannah bate na porta do casal depois de uma briga com o namorado, e os Delaney se mostram mais do que dispostos a acolher a jovem em um momento tão difícil. A moça muda a rotina do casal e devolve a alegria para a casa vazia, mas Stan e Joy logo vão entender que não é só abrigo que ela quer.

Meses depois, quando Joy desaparece e não há mais sinal de Savannah, as suspeitas da polícia recaem sobre a única pessoa que resta: Stan. E, para alguém que afirma ser inocente, ele parece ter algo a esconder. Embora dois de seus filhos acreditem na inocência do pai, os outros não têm tanta certeza assim, e os irmãos são obrigados a analisar o casamento dos pais sob um novo olhar. Estaria o desaparecimento de Joy relacionado àquela misteriosa hóspede? Ou as coisas nunca foram tão cor-de-rosa quanto pareciam? Em uma narrativa repleta de reviravoltas e segredos, Liane Moriarty aborda as dinâmicas intensas que existem nas mais diversas relações — entre casais, irmãos e rivais —, mostrando como, às vezes, as pessoas que mais amamos são as que mais podem nos machucar.

Segredos de família vai ganhar adaptação de David Heyman, produtor da franquia de filmes *Harry Potter* e de *Era uma Vez em... Hollywood*. A minissérie ainda não tem previsão de lançamento.

SAIBA MAIS:

www.intrinseca.com.br/livro/1189/